

# Ensino de jornalismo-laboratório em uma perspectiva convergente

Demétrio de Azeredo Soster\*

## Índice

1 Primeiros movimentos	1
2 Cenário em que as simbioses se estabelecem	2
3 Instrumental à prática da convergência	5
Considerações finais	10
Referências	11

## Resumo

Analisa-se, neste artigo, as complexificações, para quem ensina e aprende, decorrentes da utilização de dois modelos de jornalismo, antes complementares que antagônicos, no exercício de jornalismo-laboratório em nível de graduação. Parte-se do princípio que o uso, em um mesmo contexto de ensino, de plataformas analógicas e digitais, em especial as que se valem de dispositivos web 2.0 em suas operações, permite a professores e alunos uma formação/instrução de natureza convergente, em consonância com o tempo evolutivo em que se inserem. A análise se dará por meio de três movimentos: descrição do cenário, relato de experiência, e, finalmente, análise das implicações que decorrem desta simbiose.

\*Professor de jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Doutor em Comunicação pela Unisinos.

**Palavras-chave:** jornalismo, jornal-laboratório, convergência, ensino.

## 1 Primeiros movimentos

ESTE artigo observa como se estabelece a produção de dispositivos<sup>1</sup> de natureza jornalística em sala de aula – e suas complexificações – a partir de dois modelos antes complementares que antagônicos, baseados, de um lado, em plataformas<sup>2</sup> analógicas, enquanto que, de outro, em digitais, estas assentadas em aplicativos web 2.0, caso do blogger, Vímeo, YouTube, Gear, Twitter e 4shared. É o que ocorre com o jornal-laboratório Unicom, impresso, e o Blog do Unicom<sup>3</sup>, ambos desenvolvidos por alunos da disciplina de Produção em Mídia Impressa (8º semestre) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), região Centro do Rio Grande do Sul. Partimos do pressuposto

<sup>1</sup>Dispositivos serão aqui entendidos como sinônimo de mediações que contemplam aspectos situacionais e tecnológicos, mas também “(...) discursivos, normativos, simbólicos, funcionais e referenciais que incidem nas interações, no tempo e espaço propiciadas pela conexão de suportes tecnológicos (Ferreira, 2003, pp. 89-90).

<sup>2</sup>Plataforma como sinônimo de tecnologia utilizada em determinada infra-estrutura.

<sup>3</sup>Disponível em: [Blog](#).

que a união de matrizes operacionais e teóricas distintas em um mesmo contexto permite, a professores e graduandos, ensino e formação de natureza convergente, inserindo o ambiente jornalístico-educacional, dessa forma, em uma área de transição paradigmática<sup>4</sup> (Cunha, 2000), em consonância com o tempo evolutivo em que se insere.

A análise será realizada em três movimentos.

No primeiro, de natureza teórico-conceitual, observaremos o cenário em que as referidas simbioses se estabelecem. A ênfase, aqui, se dará sobre questões ligadas ao ensino de jornalismo nessa circunstância. No segundo, relataremos algumas das maneiras por meio das quais o dispositivo digital dialoga, em termos de forma, conteúdo e intencionalidade, com seu par analógico, emprestando amplitude conceitual a um e outro, em uma perspectiva dialética. No terceiro e último movimento, buscaremos compreender as implicações decorrentes desta aproximação, que se caracteriza, entre outros, por não observar em suas operações, especificamente, nem o jornalismo digital e nem o analógico, mas o que emerge do diálogo entre um e outro em um mesmo cenário de aprendizado/ensino.

<sup>4</sup>Por este viés, o ensino tradicional cede espaço a uma nova proposta pedagógica cujas características são: o conhecimento é focado a partir da localização histórica de sua produção; o estímulo é antes sobre a análise que à reprodução do conhecimento; a curiosidade, o questionamento e a incerteza são valorizados; o conhecimento é percebido de forma interdisciplinar; a pesquisa é vista como instrumento de ensino e a extensão como ponto de partida e chegada da apreensão da realidade; há uma valorização acentuada das habilidades sócio-intelectuais tanto quanto os conteúdos.

## 2 Cenário em que as simbioses se estabelecem

Compreender o que representa a utilização, em um mesmo contexto, de matrizes analógicas e digitais na elaboração de experiências educacionais de natureza jornalística em sala de aula implica destacar, em primeiro lugar, que esta simbiose complexifica, desde a instância ensino, o processo de produção de dispositivos tradicionais, caso dos impressos, mas também os digitais. Se isso se dá dessa forma, e diferentemente do que ocorria há pouco mais de uma década – e considerando-se, ainda, eventuais problemas ligados à infra-estrutura disponível nas instituições –, é porque a utilização de tecnologias digitais em um ambiente de aprendizado de jornalismo a) emerge como uma prática cada vez mais frequente, reconfigurando lugares secularmente instituídos, b) não se restringe apenas às disciplinas diretamente ligadas ao tema “jornalismo digital” e c) antecipa, em sala de aula, o que está ocorrendo em termos de mercado de trabalho.

No que toca especificamente ao ensino, objeto de nossa preocupação, o novo ambiente que se apresenta acaba por fazer com que se estabeleçam, por exemplo, novos hábitos e relações entre professores e alunos, mas também que se criem novas exigências de aprendizado:

Se antes, no sistema de aula presencial, o professor mantinha um encontro semanal e bastava aos alunos o cumprimento de determinadas tarefas como o exame para a aprovação, nas relações mediadas pela tecnologia a qualidade do aproveitamento depende do grau

de intercâmbio estabelecido para os membros da comunidade de ensino-aprendizagem. Para cumprir com a função de aumentar a autonomia dos alunos, o uso de um weblog ou uma lista de discussões em uma disciplina, por exemplo, necessita da participação de todos os envolvidos, evitando que o espaço seja uma réplica do modelo unidirecional das aulas presenciais reprodutivas. (Machado, 2007: 18)

Estabelece-se, desta forma, as bases para um aprendizado de natureza cooperativa, ou seja,

(...) uma técnica, ou proposta pedagógica, na qual os estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto. A cooperação como apoio ao processo de aprendizagem enfatiza a participação ativa e a interação tanto dos alunos como dos professores. O conhecimento é considerado um construtor social, e desta forma o processo educativo acaba sendo beneficiado pela participação social em ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação. Espera-se que estes ambientes de aprendizagem sejam ricos em possibilidades e propiciem o desenvolvimento em grupo (Campos, Santoro, Borges & Santos, 2003, p. 26-27).

Compreender este novo cenário de aprendizado também implica identificar, operacionalmente, nas questões de natureza espacial<sup>5</sup> ligadas ao ensino de jornalismo, as formas por meio das quais as relações se estabelecem, bem como as metamorfoses decorrentes destas. Um caminho possível para atingirmos nosso objetivo é pelo viés da análise dos espaços de fluxos<sup>6</sup>, aqui entendidos como “(...) a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos” (Castells, 2003: 501). Nesta perspectiva, os espaços de fluxos encontram condições de se estabelecer à medida que uma nova geografia tem lugar, ou seja, quando as dimensões da sala de aula e do ambiente convencional de ensino são ampliadas – e adquirem nova dinâmica operacional, o que se torna possível por meio do uso da incorporação do ciberespaço ao ambiente operacional.

Podemos entender o ciberespaço à luz de duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual) e como o conjunto de redes de computadores, interligados ou não, em todo o planeta, a internet. (...) O ciberespaço é, assim, uma entidade real, parte vital da cibercultura que está crescendo sob os nossos olhos. (...) Ele não é desconectado da realidade, mas

<sup>5</sup>Espaço como sinônimo de lugar físico onde as relações se estabelecem.

<sup>6</sup>“Por fluxos entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade.” (Castells, 2003, p. 501)

um complexificador do real. (Lemos, 2008: 128)

Se há fluxos, e considerando que estes se estabelecem sobre base igualmente material, é porque a arquitetura do ciberespaço está assentada em uma matriz de rede, personificada nos nós e conexões da web, onde se encontram os dispositivos 2.0, que auxiliam na viabilização das operações dos estudantes de jornalismo. Significa que a geografia das salas de aula, a partir do momento em que a web amplia as dimensões desta, não se restringe mais apenas ao espaço entre quatro paredes e à emissão (e recepção) unilateral de conteúdos, neste caso do professor para os alunos, em uma perspectiva diagonal decrescente, mas a uma lógica diferenciada sob muitas formas, seja quanto à transmissão de informação ou disponibilidade de recursos e ferramentas.

Se isso se dá dessa forma, é porque redes como a web têm estrutura rizomática, ou seja, não são lineares e conectam, por meio de nós e conexões, seus mais diversos pontos, descentralizando lugares operacionais. Não se trata de afirmar que o espaço da sala de aula acaba por tomar a dimensão do ciberespaço, mas admitir que o uso daquele neste acaba por complexificar a estrutura de um e outro, de onde o uso da rede como metáfora para a arquitetura do ensino nesta perspectiva. Se há complexificações, novas gramáticas explicativas se fazem necessárias.

Temos, assim, na conjunção que emerge do uso do espaço da sala/laboratório convencional com o ciberespaço, a emergência de novas estruturas espaciais, na verdade redesenhos de cursos<sup>7</sup> a partir do uso de tecnologias digitais em sala de aula. Estabelecem-

<sup>7</sup>Cursos redesenhados são aqueles cujas institui-

se, dessa forma, condições para a construção de um conhecimento operacionalmente convergente; convergência aqui entendida como a “(...) integração de modos de comunicação tradicionalmente separados e que afeta empresas, tecnologias, profissionais e audiências em todas as fases de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo<sup>8</sup>” (Sádaba, Portillia, García Avilés, Masip & Salaverría, 2008:12). E processos educacionais, diríamos.

Estamos falando, portanto, de um ambiente educacional que se distingue de si próprio em termos evolutivos sob pelo menos quatro perspectivas:

- a) Pela reconfiguração espacial das práticas de ensino, que passam a se estabelecer em um espaço híbrido, formado pela intersecção da sala de aula/laboratório com o ciberespaço.
- b) Por estar assentada em um cenário de profunda imersão tecnológica.
- c) Por se estabelecer com base em fluxos informacionais, descentralizando lugares.
- d) Sob um novo paradigma, de natureza convergente por meio da qual “(...) novas e antigas mídias interagem de forma cada vez mais complexa” (Jenkins, 2008: 31) desde a instância formação.

ções redesenharam seus planos de ensino e conteúdos para incluir, neles, os temas digitais. (Machado, 2007)

<sup>8</sup>(...) integración de modos de comunicación tradicionalmente separados que afecta a empresas, tecnologías, profesionales y audiencias en todas las fases de producción, distribución y consumo de contenidos de cualquier tipo”. (Sádaba, Portillia, García Avilés, Masip & Salaverría, 2008, p. 12)

Trata-se de uma forma de se ensinar (e aprender) jornalismo de natureza multimidiática, sintonizada, desde a instância formação, com a lógica operacional do que chamamos, em momento anterior (Soster, 2008, 2009), de sistema midiático comunicacional. Por este viés, quando os dispositivos de natureza jornalística estão amalgamados em rede, não apenas dão forma ao sistema em que se inserem (midiático-comunicacional) como passam a agir a partir de uma perspectiva sistêmica, nos moldes propostos por Luhmann (2009). Isso faz com que às operações usualmente realizadas pelos jornalistas por meio dos dispositivos midiáticos agreguem-se outras, de natureza auto-referencial, co-referencial e descentralizadas.

Nos dois primeiros dois casos, as características se verificam quando o dispositivo chama atenção para suas próprias operações (auto-referência), como forma, entre outros, de estabelecer credibilidade, mas também quando sua fonte passa a ser outro dispositivo (co-referência). A descentralização está ligada à idéia que, neste ambiente, não há lugares centrais – a Rede Globo, por exemplo, mesmo ainda sendo hegemônica, não está mais sozinha no cenário; agora divide espaço em igualdade de condições com Record, SBT etc; transformando e sendo transformada nesta relação –, e sim lugares por onde os fluxos informacionais se estabelecem, à revelia de sua natureza.

E como isso se verifica em sala de aula? Em nosso objeto, à medida que os alunos, por meio de ferramentas como blogs e demais dispositivos web 2.0, não apenas intensificam seus diálogos extraclasse como passam a viabilizar com mais frequência operações que usualmente não realizavam nos

ambientes tradicionais de ensino, como veremos mais adiante. Não se trata de afirmar que realizar jornais-laboratórios impressos nos moldes tradicionais tornou-se algo anacrônico, mas de dizer que a prática ganha novas significações quando acompanhada de movimentos que permitam ao impresso dialogar, em sua construção, com dispositivos e linguagens que emprestem mais amplitude ao fazer jornalístico nesta circunstância, à revelia do suporte que estejamos nos referindo.

Nesta perspectiva, ensinamos e aprendemos em ambientes diferenciados, que refletem, na etapa de formação, um momento evolutivo específico da sociedade, de natureza midiática, que produz afetações no jornalismo (Soster, 2006, 2007, 2009) em suas mais diferentes instâncias<sup>9</sup>, entre estas o ensino. Esta imersão possui raízes antigas, mas se inicia mais visivelmente na década de 70 no mundo, com a digitalização (Marcondes Filho, 2002); ganha contornos específicos com as operações em rede (Machado, 2003), e eleva-se a uma escala de dimensões planetárias por meio dos nós e conexões da web, complexificando, como dissemos, o jornalismo e tornando necessária a existência de novas gramáticas explicativas à profissão em suas mais diversas instâncias.

### **3 Instrumental à prática da convergência**

Dito isso, observemos agora como o uso de ferramentas web 2.0 podem emprestar mais amplitude ao ensino de jornais-laboratório

---

<sup>9</sup>É importante observar que a diferença que se estabelece entre um e outro momento é, antes, de acesso (disponibilidade) à tecnologia que à necessidade de uso dessa, haja vista que não é possível pensar em jornalismo sem uso de tecnologia.

na graduação. Usaremos como referência o jornal-laboratório Unicom, que coordenamos desde 2008 na disciplina de Produção em Mídia Impressa da Unisc, voltada à produção de jornais impressos. Mais que o relato de uma forma específica de uso, buscamos demonstrar que plataformas como a blogger, uma vez utilizadas com propósitos jornalístico-comunicacionais bem identificados, não apenas mostram-se instrumentos eficientes para viabilizar as propostas realizadas em sala de aula como emprestam mais amplitude às mesmas.

### 3.1 Uma primeira provocação

No primeiro semestre de 2008, os alunos da disciplina receberam uma provocação: viabilizar um mecanismo por meio do qual pudessem a) dialogar no espaço entre uma aula e outra e b) possibilitar mais amplitude ao conteúdo do jornal-laboratório Unicom por meio do uso de dispositivos e linguagens que não apenas aquelas próprias do impresso, que desenvolviam no semestre. Até então, os 500 exemplares por edição do jornal impresso eram distribuídos manualmente em pontos-chave do câmpus; por meio dos próprios estudantes e professores, ou, ainda, por mala-direta.

O primeiro item, dialogar no espaço entre uma aula e outra, já vinha sendo realizado desde há algum tempo por meio de grupo de mensagem do Yahoo ou mesmo e-mail, mas o objetivo era deixar registradas as experiências vivenciadas ao longo da disciplina de forma mais perene e sem restrições de acesso. Quanto à amplitude, dizia respeito, de um lado, à necessidade de se disponibilizar o conteúdo do jornal para além das pessoas que tinham acesso direto a ele, sem

com isso aumentar os custos de produção. Mas também veicular conteúdo em formatos como áudio e vídeo, de maneira que as linguagens, apesar de distintas, emprestassem mais amplitude aos relatos quando postas em um mesmo contexto narrativo. Para além do conteúdo editorial, um terceiro ponto, ligado à memória, relacionava-se à preocupação que se tinha, à época, de permitir às turmas dos próximos semestres acesso a fotografias, imagens em movimento, entrevistas em áudio e mesmo versões anteriores do Unicom de forma dinâmica e descentralizada.

A opção recaiu sobre a plataforma blogger, gratuita, basicamente porque era a que os alunos possuíam mais familiaridade. Mais que uma escolha casual, e considerando-se que a familiaridade é condição básica para a existência de confiança (Luhmann, 2005-a), tratou-se de uma estratégia de uso que considerava a necessidade de obtenção de resultados para além da experimentação no espaço de um semestre. Equivale a dizer que se mostrou mais interessante, no momento, a opção por dispositivos cujo uso não demandasse grande esforços de aprendizagem como forma de acelerar o processo de familiarização com os meios digitais.

Uma reunião de pauta definiu detalhes como nome, forma e participação dos alunos nele. A gerência do blog ficou aos cuidados do aluno Sancler Ebert<sup>10</sup>, na condição de editor multimídia. Suas funções incluíam gerenciamento do fluxo de conteúdos; correções gramaticais; ajustes quanto à eventual ausência de tags ou links nos posts etc. Mudanças mais pontuais, tais como supres-

<sup>10</sup>Hoje repórter da sucursal do jornal Zero Hora em Pelotas, Zona Sul do Rio Grande do Sul.

são de posts ou alterações no layout, deveriam ser feitas sob anuência do professor da disciplina e dos demais colegas. Os demais alunos da turma tinham por responsabilidade postar semanalmente, utilizando, em seus relatos, o maior número de recursos possível. A única restrição quanto ao conteúdo dos posts dizia respeito à necessidade de estes dialogarem, direta ou indiretamente, com a temática geral da edição impressa.

O primeiro post<sup>11</sup>, a 11 de março de 2008, estabelecia alguns parâmetros, ainda que não muito precisos, para o uso do blog pelos alunos:

1. Não escrevermos demais (texto longo na web é cansativo);
2. Usarmos marcadores (no link opções de postagem abaixo da caixa em que se redigem os textos);
3. Dialogarmos, sempre que possível, com outros blogs, fazendo funcionar a blogosfera jornalística;
4. Usarmos e abusarmos dos recursos multimídia que o blog nos oferece (links, imagens em movimento, áudio etc.);
5. Postarmos sempre e ao menos uma vez por semana.

Os alunos não apenas aceitaram a proposta como se lançaram a ela com entusiasmo.

É o que ocorreu, por exemplo, com o aluno Guilherme Mazui<sup>12</sup>. Como a edição impressa seria monotemática – o objetivo era

saber como as pessoas enxergavam sua cidade –, coube a ele entrevistar o roupeiro de um time de futebol de Santa Cruz do Sul, Sedomar Nascimento, o “Tio Nasça”. À medida que freqüentava o Estádio dos Eucaliptos, onde se localizava o Avenida, da Segunda Divisão do futebol gaúcho, Mazui coletava fotos, bem como informações em áudio e vídeo, nem sempre ligadas necessariamente à angulação proposta para o jornal, e agregava o material ao Blog do Unicom semanalmente, enquanto o jornal impresso era produzido. É o que pode ser visto, por exemplo, no post intitulado “Aula de engraxate<sup>13</sup>”, veiculado a 20 de março de 2008. Nele, “Tio Nasça”, o responsável pelo vestiário do Avenida, demonstra ao repórter como fazia para engraxar as chuteira dos atletas do clube. O vídeo, com 2’51”, foi incorporado ao blog por meio do Youtube.

Com isso, quando a edição impressa ficou pronta, as pessoas que vinham acompanhando o blog, e que leram a matéria veiculada à página 5 – “Tio Nasça está sempre bem” –, souberam que o personagem em questão era bem mais que “(...) o senhor negro, de óculos, cabelo e barba brancos”, para quem “Santa Cruz tinha o formato de um campo de futebol”, como sugeria a matéria escrita. A união temática das plataformas analógica e digital permitiu, em primeiro lugar, que a primeira, mesmo restrita em termos de extensão, angulação e tonalidade, não circunscrevesse a personalidade do entrevistado à temática do jornal, tornando-o linear, em decorrência, entre outros, das limitações espaciais da edição – cada matéria

<sup>11</sup>Disponível em: [Blog](#). Acesso em 27 de junho de 2010.

<sup>12</sup>Hoje repórter de Zero Hora na sucursal de Rio Grande, zona Sul do Rio Grande do Sul.

<sup>13</sup>Disponível em: [Blog](#). Acesso em 27 de junho de 2010.

com não mais que 3,5 mil caracteres e em uma página.

Algo semelhante pode ser dito em termo de plataforma digital. Se, de um lado, sua estrutura potencializa o uso de recursos como hiperligações, multimídia, memória, customização, atualização contínua e interatividade (Palácios, 2003), sob outro ângulo o fato de possuir uma estrutura verticalizada, sem uma tela de abertura com chamadas para o conteúdo, como ocorre em um site convencional, torna a dispersão um fator a ser considerado. Isso não obstante existir, entre os elementos da página, o gadget “Arquivo do blog”, que permite acesso aos links das postagens antigas. A saída encontrada, e considerando que as discussões em torno das redes sociais era incipiente à época, restringido-se quase que somente às páginas pessoais que os alunos mantinham no Orkut<sup>14</sup>, foi publicizar o conteúdo dos posts por e-mail ou listas de discussões.

### 3.2 Experiências em áudio

À medida que a tecnologia, e seu uso, evoluíam, os alunos dos semestres subsequentes passaram a incorporá-las gradativamente ao projeto Unicom. É o que ocorreu, por exemplo, com o conteúdo em áudio e com as imagens em movimento. No primeiro caso, utilizava-se, inicialmente, o software Podmatic<sup>15</sup>, seja como forma de reproduzir os dados em áudio coletados ao longo das entrevistas por meio de gravadores digitais e convencionais, ou, ainda, para criar programas especialmente desenvolvidos para a web.

O problema é que o Podmatic, e boa parte dos players gratuitos disponíveis à época,

não possuíam interfaces muito amigáveis. Significa que, para ouvir o conteúdo, era necessário acessar uma segunda tela por meio de um link no post<sup>16</sup> original, o que tornava o risco da dispersão ainda mais possível. O que não impedia experiências bem sucedidas: é o que pode ser percebido no post do dia 1º de Maio de 2008, intitulado “Podcast do Unicom<sup>17</sup>”, em que os alunos, com base na linguagem dos programas desenvolvidos nas disciplinas de rádio, criaram um formato específico para o blog. Neste, antecipavam detalhes da edição impressa e relatavam aos ouvintes bastidores da disciplina. Ainda assim, havia o problema da dispersão, ou seja, o risco de não se retornar à postagem original.

A partir de 2009, no entanto, passou-se a utilizar, na veiculação de conteúdos em áudio, o Goear<sup>18</sup>, um player que disponibiliza, por meio de um código HTML, conteúdo diretamente na tela em que os posts do blog eram redigidos. Os alunos fizeram mais: por meio de um ícone inserido no alto da tela – Radioweb do Unicom – e do uso de link permanente por meio da tag “audio” ao pé de cada post, foi possível disponibilizar todo o conteúdo neste formato em uma mesma tela, ainda que secundária em relação à tela de abertura.

Observe-se que houve evolução também na forma de uso dos conteúdos jornalísticos: se, antes, como dissemos, os alunos veiculavam, no blog, formatos muito próximos ao rádio em termos de radiojornalismo, o tempo de convívio com a nova plataforma, e as discussões em aula fizeram com que buscas-

<sup>16</sup>É o que pode ser observado pela [Blog do unicom](#).

<sup>17</sup>Disponível em: [Blog do unicom](#). Acesso em 27 de junho de 2010.

<sup>18</sup>Goear.

<sup>14</sup>Caso, por exemplo, da [Orkut](#).

<sup>15</sup>Podomatic.



sem estruturar este conteúdo a partir também das características da web. Ou seja, a pensar o formato em termos de abertura, vinhetas e tempo, nos moldes do que usualmente se faz para o radiojornalismo convencional, mas com as especificidades do ambiente web consideradas neste. Isso inclui, entre outros, usar, de um lado, links permanentes para evitar a dispersão de conteúdo, mas também elementos comuns a um radioweb e outro como forma de estabelecer identidade em termos de conjunto. A opção foi usar uma vinheta fixa na abertura e ao final de cada programa, seguido de uma sonora com ou sem interferência do entrevistador no conteúdo. É o que pode ser observado, por exemplo, por meio do post “Uma vida dedicada à dublagem<sup>19</sup>”, sobre o trabalho realizado pelos dubladores de filmes. Por conta de os conteúdos em áudio possuírem formatos jornalísticos, passamos a denominá-los de “radioweb”, ou seja, rádio no formato web.

O twitter também se mostrou um aliado importante na divulgação dos movimentos realizados na disciplina, em especial por emprestar mais amplitude ao Blog do Unicom. O endereço @JornalUnicom<sup>20</sup> passou a ser utilizado, desde sua criação, como um instrumento eficiente quando o assunto era informar, por meio das redes sociais, tanto a veiculação de novos posts, como movimentos extraclasse realizados pelas turmas ao longo dos semestres, caso de reuniões de pauta extraordinárias, lançamentos e encontros festivos.

<sup>19</sup>Disponível em [Blog do unicom](#).

<sup>20</sup>Twitter.

### 3.3 Imagens em movimento

Houve mudanças também em termos de aplicativos utilizados nas imagens em movimento, bem como à forma de uso do conteúdo. Se, antes, os alunos se restringiam a disponibilizar imagens em movimento de suas matérias no blog por meio do Youtube, o Vímeo passou a dividir com o primeiro a preferência. Entre os motivos, por não associar o conteúdo em vídeo do blog ao Youtube, mas também por ser mais fácil de rodar em relação ao primeiro. Quanto à forma, o conteúdo passou a ser pensado em termos de telewebjornalismo. Ou seja, pelo viés de uma estrutura que reúne, de um lado, uma lógica informativa própria da televisão, enquanto que, de outro, da web.

Diferentemente do que ocorre com os radioweb, os telewebjornais distinguem-se em muitos pontos de seus pares com suporte em televisão. Isso por questões ligadas à forma de uso do suporte, mas também de tamanho e resolução de tela. Alguns motivos, de acordo com o site MultimediaShooter<sup>21</sup>, citado originalmente por Marcos Palácios (2007, On-line), no Blog do Gjol<sup>22</sup>, para que isso se dê dessa forma:

1. Se você não está no controle, sua audiência está.
2. O tempo e atenção de seus usuários são importantes. Seus vídeos não devem ter mais que quatro minutos. Se forem maiores, segmente-os em capítulos, para que os usuários possam voltar e assistir o resto, se quiserem.

<sup>21</sup>Multimedia shooter.

<sup>22</sup>Gjol.

3. Faça seus vídeos compartilháveis. A internet é caracterizada por compartilhamento. Facilite para que sua audiência possa criar links e disponibilizar (embed) seu vídeo em outros sites.
4. Componha as cenas de seu vídeo para o tamanho de sua apresentação. Pense em termos de enquadramento que funcionem em telas reduzidas. Mesmo que em seu site a tela seja de 640 x 480, sua audiência futura estará, muito provavelmente, usando telas muito reduzidas, como a de um iPhone, por exemplo.
5. Faça algo de “bom” ocorrer em seu vídeo nos primeiros 15, ou melhor, 10, ou, ainda melhor, 5 segundos iniciais. Se isso não acontecer, você estará perdido. Não esconda seu lead. Apresente o que você tem de melhor nos segundos iniciais e então desenvolva.

Também aqui a alternativa mais adequada foi a segmentação dos programas em blocos informativos, tendo-se o cuidado de manter, em cada bloco, elementos que permitissem a identificação do conjunto como um todo. Isso incluiu a criação de uma vinheta específica para o teleweb, mas também a utilização de apresentadores e sonoras com entrevistados. A turma se valeu em muito de uma experiência bem-sucedida realizada dois anos antes em termos de telewebjornalismo, no Centro Universitário Univates, onde os alunos da disciplina de Linguagem dos Meios Digitais criaram o Lambida News<sup>23</sup>, um teleweb disponibilizado do Blog Lambida Digital<sup>24</sup>, utilizado na disciplina e hoje sem uso

<sup>23</sup>Disponível em [Lambida digital](#).

<sup>24</sup>[Lambida digital](#).

regular. A diferença entre um e outro é que o Lambida News foi planejado para operar em apenas quatro blocos, “cada um com pouco mais de um minuto, abrindo a possibilidade de um quinto bloco com o making of da produção” (Soster, 2008: 126), enquanto que o Teleweb do Unicom, para ser utilizado de forma sistemática ao longo do semestre.

No que diz respeito à memória, e para além dos posts, tivessem eles textos, imagens estáticas ou em movimento, a ferramenta Flickr<sup>25</sup> foi utilizada desde o início para armazenamento de fotos, e disponibilizada por meio de um álbum no alto do blog. Já as edições anteriores, em PDF, passaram a ser armazenadas por meio do 4shared<sup>26</sup>, acessível por meio de um link localizado em um ícone no alto da tela principal do blog. O mesmo em relação a aplicativos do Google, caso do Google Translator<sup>27</sup>, ou os gadgets que usualmente são disponibilizados pelo próprio blogger: têm-se mostrado ferramentas eficientes na disponibilização de aplicativos que tornam o blog uma interface mais amigável aos seus usuários, sejam eles especialistas ou estudantes.

## Considerações finais

Se, de um lado, as experiências com jornalismo-laboratório realizadas em sala de aula desde 2008 por meio de plataformas analógicas e digitais, em uma perspectiva convergente, sugerem que a prática é adequada à formação dos alunos em um cenário específico, de profunda imersão tecnológica, também é preciso que alguns cuidados

<sup>25</sup>[Flickr](#).

<sup>26</sup>[4share](#).

<sup>27</sup>[Translate](#).

sejam tomados na formação dos alunos neste ambiente. O mais visível deles diz respeito ao fato de as interfaces se tornarem gradativamente mais amigáveis, o que, paradoxalmente, pode vir a representar um problema para os estudantes, à medida que a habilidade de veiculação se confunde, muitas vezes, com a capacidade de resolução de conteúdo de natureza jornalística. O alerta tem razão de ser: neste cenário, e em decorrência da imersão tecnológica em que o mesmo se encontra, é exigido dos jovens profissionais habilidades que, até há bem pouco, demoravam não raro uma década (Soster, 2006) para adquirir.

Isso se dá dessa forma basicamente porque, como dissemos, a tecnologia torna o fazer jornalístico simples em termos de veiculação de conteúdos, à revelia do suporte. Paradoxalmente, torna-se cada dia mais complicado, ao jornalista, a) distinguir-se do senso comum a partir das características de seu trabalho e b) uma vez na operação deste, estabelecer as diferenças necessárias para viabilizar produtos e transformar realidades. No primeiro caso, a meta será alcançada se houver, como sugeriu Machado (2008), compromisso entre os envolvidos no que toca à resolução do produto jornalístico em questão.

Quanto ao segundo item, estabelecer as diferenças necessárias, é o que nos permite sugerir que Keen (2009) equivoca-se quando sugere que a facilidade de acesso, decorrência da imersão tecnológica, potencializa o que é de natureza amadora e sufoca as especialidades. Entendemos que, ao menos em termos de jornalismo, isso dificilmente ocorrerá quando professores e alunos compreenderem que, para além das ferramentas disponíveis à resolução deste ou daquele produto,

existe uma intenção e uma capacidade de resolução, o que só é possível pensar, como dissemos, quando houver compromisso e capacidade técnica de ambas as partes.

## Referências

- Campos, F.; Santoro, F.; Borges, M. & Santos, N. (2003). *Cooperação e aprendizagem on-line*. Rio de Janeiro: DP & A Editores.
- Castells, M. (2003). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1)
- Cunha, M. (2005). *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: Junqueira & Marin Editores.
- Ferreira, J. (2003). “O conceito de dispositivo: explorando dimensões de análise”, in: *Ecos Revista*. Pelotas: Universidade católica de Pelotas – Educat, v. 7, nº 2, jul. – dez.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Keen, A. (2009). *O culto ao amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Lemos, A. (2008). *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- Luhmann, N. (2009). *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes.

- \_\_\_\_\_. (2005-a). *Confianza*. México: Anthropos.
- Machado, E. (2007). “O ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço”, in: Machado, E. & Palácios, M. (orgs.). *O ensino do jornalismo em redes de alta velocidade*. Salvador: Edufba.
- \_\_\_\_\_. (2003). *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra.
- Marcondes Filho, C. (2002). *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores.
- Palácios, M. (2003). *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra.
- Sádaba, C.; Portilla, I.; Avilés, J.; Masip, P. & Salaverría, R. (2008). “Métodos de investigación sobre convergencia periodística”, in: Noci, J. & Palacios, M. *Metodología para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas*. Salvador: EDUFBA.
- Soster, D. (2009). “Modelo para análise do jornalismo midiaticado”, in: *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- \_\_\_\_\_. (2008). “Telewebjornalismo, entre a autonomia e o outsourcing”, in: *Edição de imagens em jornalismo*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- \_\_\_\_\_. (2007). “Jornalismo midiaticado: a mídia na frente do espelho”, in: *Metamorfoses jornalísticas: formas, processos e sistemas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- \_\_\_\_\_. (2006). “Ensino de edição em jornais impressos: uma abordagem metodológica”, in: *Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.